

“Cineclubismo é incompatível com regimes ditatoriais”

O II Curso de Formação Cineclubista, iniciado no dia 10 de novembro, no Sesc, prossegue no próximo sábado, com a palestra sobre “Organização e Funcionamento do Cineclubes”, a cargo de Antenor Gentil Júnior, membro da Comissão de Cineclubes do DF. No dia oito de dezembro, com uma palestra de Marco Antônio Guimarães, ex-assessor de Cinema da Fundação Cultural do DF, sobre **Programação Cinematográfica**, encerra-se o curso.

Este II Curso de Formação Cineclubista foi iniciado no dia 10 com uma palestra de Geraldo Moraes, professor de Cinema da UnB, sobre **Introdução à História do Cinema Universal**. No dia 17, com uma palestra sobre **Introdução à História do Cinema Brasileiro**, o ex-professor de História da Arte da UnB, Rogério Rodrigues, deu prosseguimento ao curso. No último fim de semana foram debatidas a **História do Cineclubismo Brasileiro**, por Geraldo Sobral, ex-presidente do Conselho Nacional de Cine-

clubes, e **O Cineclubismo no Distrito Federal**, por Antenor Gentil, membro da Comissão de Cineclubes do DF.

Em sua palestra, o professor Geraldo Sobral, de Técnica de Cinema e Teatro da UnB, abordou o nascimento do cineclubismo no Brasil, “como uma forma de atuação, principalmente de profissionais liberais, no campo da cultura cinematográfica”. Segundo ele, “eram pessoas de formação sabidamente francesa ou afrancesada”, as que primeiro se reuniram em cineclubes na década de 30. O movimento era “um movimento fechado, onde no máximo 20 pessoas se reuniam numa sala para ver filmes estrangeiros e discutirlos exaustivamente”.

Para o professor Geraldo Sobral, o cineclubismo, em suas origens brasileiras, “tinha uma orientação alienada, principalmente em relação ao cinema brasileiro, e essa orientação predominou no movimento cineclubista até meados da década de 60”. A partir desta década, diz o

professor, “os cineclubes no Brasil passaram a ser feitos por jovens universitários, em sua imensa maioria, já então tendo por preocupação fundamental a defesa e a divulgação do cinema brasileiro”.

Havia, segundo o professor Geraldo Sobral, uma tentativa de “dignificação” do cinema, “dignificação” no sentido de erudição. “Isso aconteceu justamente em 1968, no momento em que há várias manifestações políticas, respira-se um clima de abertura, embora não se fale nesta palavra, e o advento do AI-5, com todas as implicações no que diz respeito à repressão política, se faz sentir também no movimento cultural e no movimento cineclubista”, afirmou o professor em sua palestra sobre **História do Cineclubismo no Brasil**.

O movimento cresceu muito de 60 a 68, afirma o professor. Na época, havia pelo menos cinco federações de cineclubes, “que atuavam veementemente contra a Censura”. Segundo o professor, “foi o Conselho Nacional de Cineclubes que

deunçou, em 1969, que o então general-chefe da Censura considerava sem classificação moral as manifestações que a classe artística fazia no Rio de Janeiro, porque eram assembleias presididas por Odete Lara e Tônia Carrero, segundo ele duas prostitutas”.

A época de obscurantismo cultural, quando as forças da repressão queriam calar as vozes de artistas e políticos, culminou no final de 1969, início de 1970, com o fechamento das federações de cineclubes. “Apenas dois ou três cineclubes isoladamente conseguiram sobreviver, o que contrasta gritantemente com a atual proliferação de cineclubes, já agora muito mais atuantes”, observa o professor Sobral.

Hoje, nota o professor, “não são mais os jovens universitários que fazem o cineclubismo. São escolas, movimentos de bairros, sindicatos, que fazem questão de ter o seu cineclubes”. Para quem viveu, como dirigente do Conselho Nacional de Cineclubes, os tempos mais duros da repressão, a época atual é muito

diferente. “Hoje, em Brasília, o movimento está descentralizado, espalhado pelo Plano Piloto e cidades-satélites em quase 20 cineclubes, preocupados fundamentalmente em discutir a sociedade e a realidade brasileiras através do seu cinema”. Para o professor Sobral, “hoje setenta por cento dos filmes exibidos em cineclubes são brasileiros”.

A experiência do professor Geraldo Sobral está ligada à universidade, onde fez vestibular para Direito, em 65, mas logo em seguida trocou o curso pelo de Cinema, na época liderado pelo pioneiro Paulo Emílio de Salles Gomes, “a pessoa que orientou o movimento cineclubista na defesa do cinema brasileiro”. Em 1966, com a criação do Clube de Cinema de Brasília, os animadores culturais da cidade conseguiram reunir duas mil pessoas no auditório da Escola-Parque. Depois, com o AI-5, o Clube de Cinema de Brasília também foi fechado. Por isso, diz o professor Geraldo Sobral: “O cineclubes é incompatível com a ditadura”.